

Segunda Escola Modelo

Selecta de trabalhos.

Quinto Anno.



Termo de abertura e destino.

Servirá este livro para o registro dos melhores trabalhos do 3.<sup>o</sup> anno da Segunda Escola Modelo; registro que será feito do seguinte modo: - Em cada mez os Sr. Professores escolhe-  
rão dentre as provas escriptas com excepção, da Calligraphia e da Linguagem, as duas melhores, e as farão copiar fielmente pelos proprios alumnos, collocando em seguida no alto das mesmas as notas existentes nos cadernos de exame, acompanhadas da sua assignatura.

Leva a rubrica de que fôr uso - A. Presser - tendo no fim termo de encerramento, com declaração do numero de folhas.

S. Paulo, 9 de Fevereiro de 1903.

Director,  
Alfredo Presser da Silveira.



12  
A. de A. Moura

A. Bresser

São Paulo, 20 de Março de 1903.  
Arithmetica.

1º

Oito covados, quatro varas e duas braças, quantos metros são?

Solução: Para se resolver o problema, é preciso conhecer o coeficiente do covado, da braça e da vara.

O coeficiente do covado é  $0,^m66$ ; da vara é  $1,^m1$ ; e da braça é  $2,^m2$ . Sabendo que um covado vale  $0,^m66$ ; para saber-se quanto valem 8 covados, multiplica-se 8 por  $0,^m66$ . Sabendo que uma vara vale  $1,^m1$ ; para saber-se quanto valem 4 varas, multiplica-se a  $1,^m1$  por 4. Sabendo que uma braça vale  $2,^m2$ ; para saber-se quanto valem 2 braças, multiplica-se a  $2,^m2$  por 2.

Resultado:  $0,^m66 \times 8 = 5,^m28 + 1,^m1 \times 4 = 4,^m4 + 2,^m2 \times 2 = 14,^m08$ .

2º

Estando um hectolitro de milho  $13\$850$ , quantos litros teremos por  $193\$900$ ?



Solução: Dividindo-se  $193\text{\$}900$  por  $13\text{\$}850$  dará 14 hectolitros, multiplicando-se 14 hectolitros por 100 teremos 1400 litros

Resultado: Teremos 1400 litros.

3º

Pagou-se  $1:9608$  à operarios que trabalharam 35 dias, a  $4\text{\$}000$  por dia. Quantos eram esses operarios?

Solução: Para resolver-se o problema, multiplica-se 35 por  $4\text{\$}000$  e o resultado é  $140\text{\$}000$ ; o qual dividido por  $1:960\text{\$}000 = 14$ .

Resultado: Eram 14 operarios.

Rosita Wainberg.  
5º anno.



São Paulo, 23 de Março de 1903

## Geometria

### 1) Triangulos em geral.

Triangulo é uma figura fechada da por tres linhas.

O triangulo tem tres angulos, tres lados, tres vertices, tres medianas, tres bases e tres alturas.

Angulo é a abertura formada pelo encontro de duas linhas.

Lados dum triangulo são as linhas que o fecham.

Vertices são os pontos onde se encontram esses lados.

Medianas são linhas que sahindo do vertice vae a metade do lado oposto.

Base é qualquer lado do triangulo.

Altura é a linha que sahindo do vertice vai ter a base.

Os lados do triangulo rectangulo chamam-se: o lado opposto ao angulo recto chama-se hypotenusa e os outros dois que formam o angulo recto chamam-se cathetos.

A somma dos angulos de um triangulo é igual a dois angulos rectos ou a 180 graus.

A area do triangulo tira-se assim: tira-se a altura que pode se tirar fora ou dentro do triangulo, e mede-se a e depois mede-se a



base e multiplica-se a base pela altura e o producto divide por dois; que tenha, por exemplo  $2^m$  de altura e  $3^m$  de base a area sera de  $3,^{mq}$  a formula e esta: BxA.

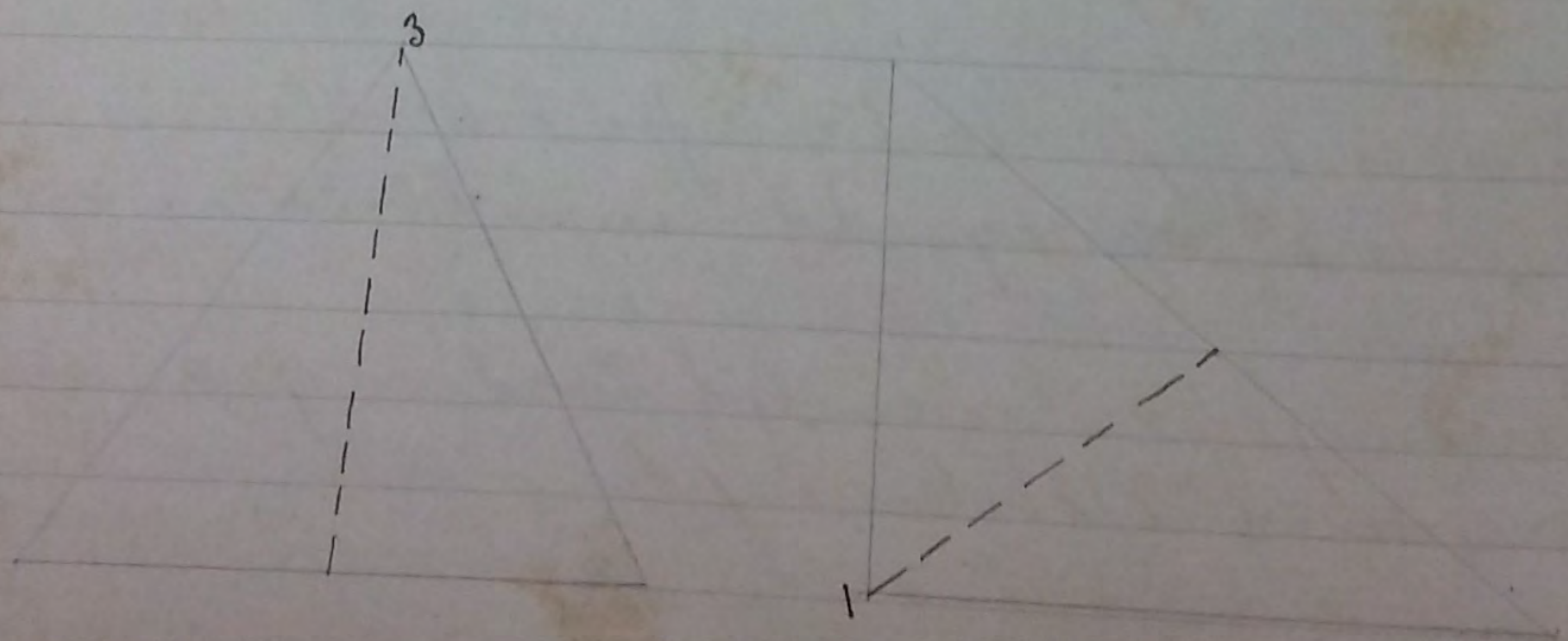
A somma dos lados dum triangulo chama-se perimetro.

Os casos de igualdade dos triangulos são tres: 1º dois triangulos são iguaes quando tem um angulo igual comprehendido entre dois lados respectivamente iguaes.

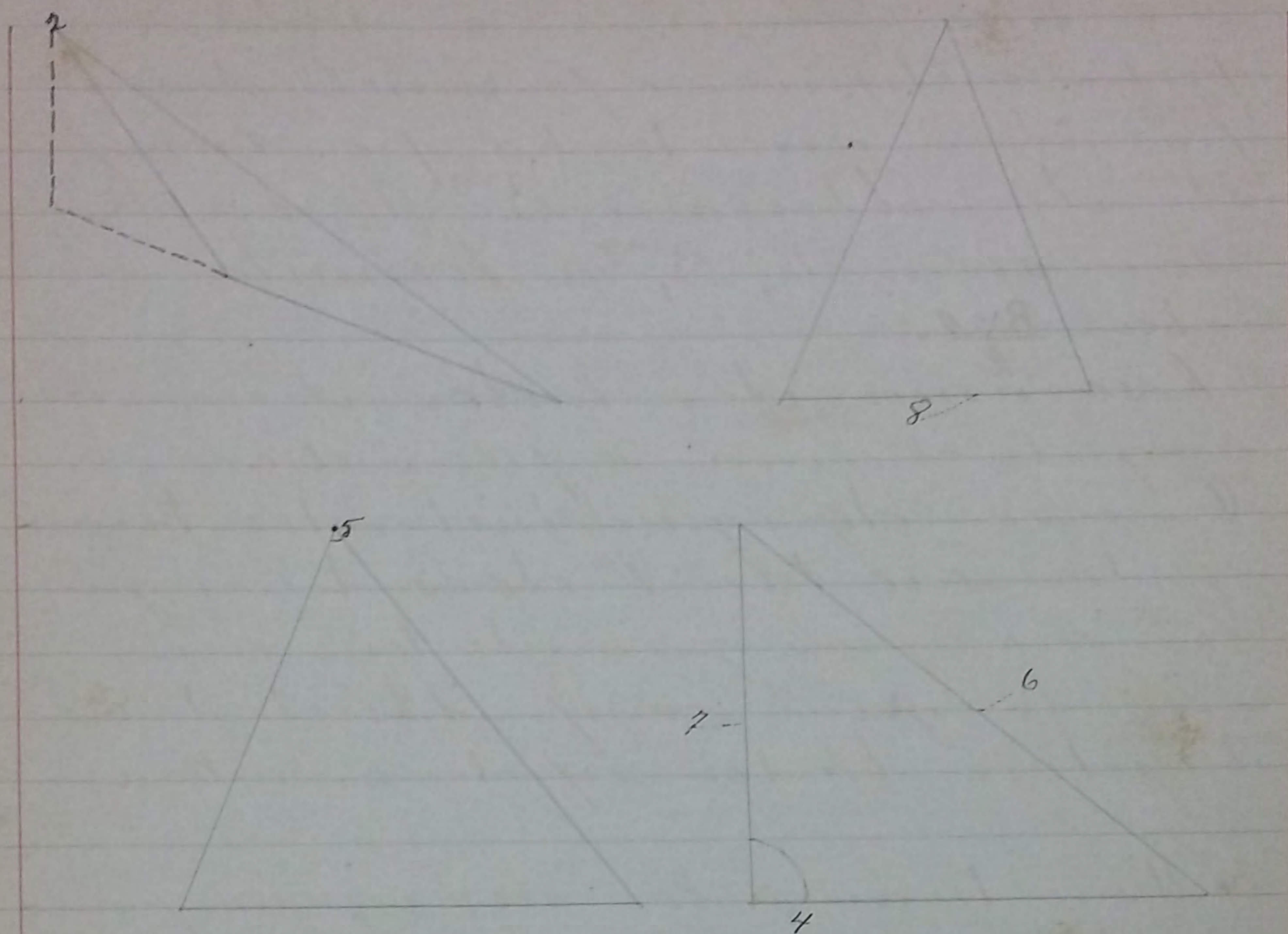
2º Dois triangulos são iguaes quando tem um lado igual adjacente a dois angulos tambem iguaes.

3º Dois triangulos são iguaes quando todos os lados são iguaes. Exemplos de triangulos: A tripeça triangular. O triangulo da musica.

Exemplos de alguns triangulos desenhados:







Numero 1 acima no triangulo representa uma altura tirada dentro do triangulo.

Numero 2 representa a altura tirada fora do triangulo.

Numero 3 representa uma mediana.

Numero 4 representa um angulo.

Numero 5 representa um vertice.

Numero 6 representa uma hipotenusa.

Numero 7 representa um catheto.

Numero 8 representa uma base.

2.<sup>o</sup>  
Triangulos em relação a grandeza dos seus lados. Exemplos.

Os triangulos em relação a grande



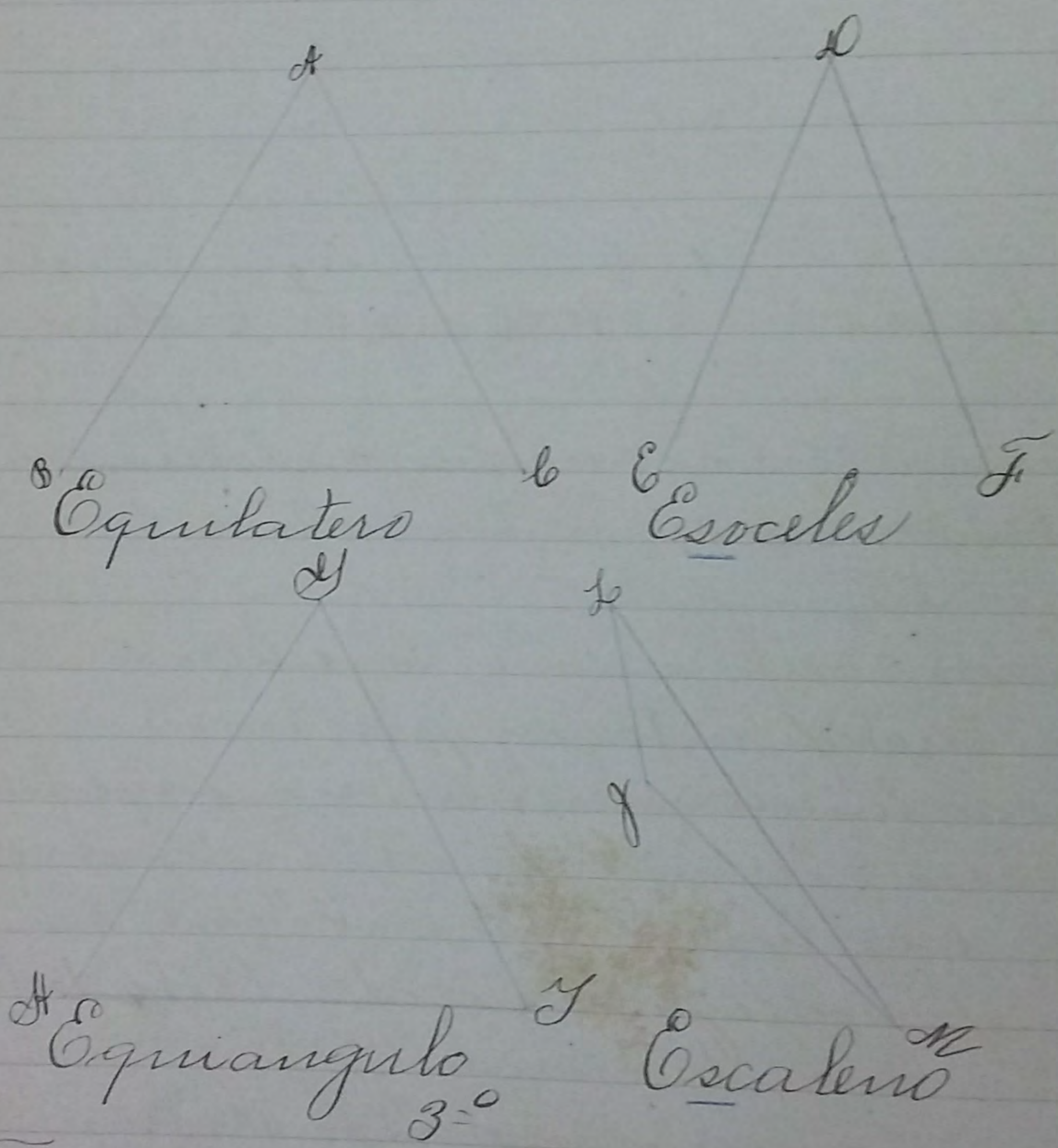
za dos lados podem ser os seguintes: Equilátero, Escaleno, Escaleno e Equiângulo.

É equilátero quando tem todos os lados iguais.

É escocel (isósceles) quando tem dois lados iguais.

É escaleno quando tem todos os lados de sinais diferentes.

É equiângulo quando tem todos os lados e ângulos iguais. Exemplos:



Triângulos em relação a grandeza dos seus [lados] ângulos. Exemplo.

Os triângulos em relação a grandeza dos seus ângulos podem ser os seguintes: Retângulo, Acutângulo e Obtusângulo.

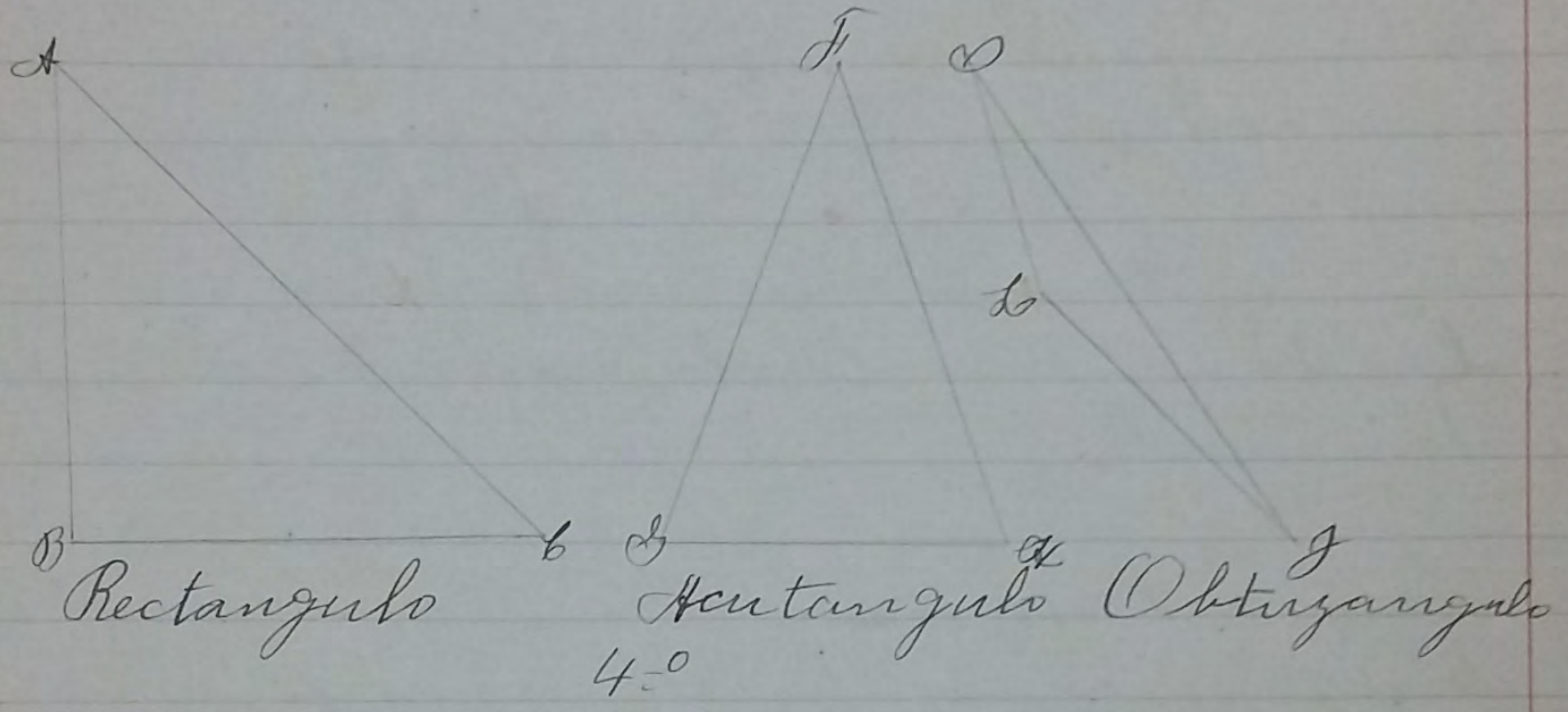


gulo.

É retângulo quando tem um ângulo recto.

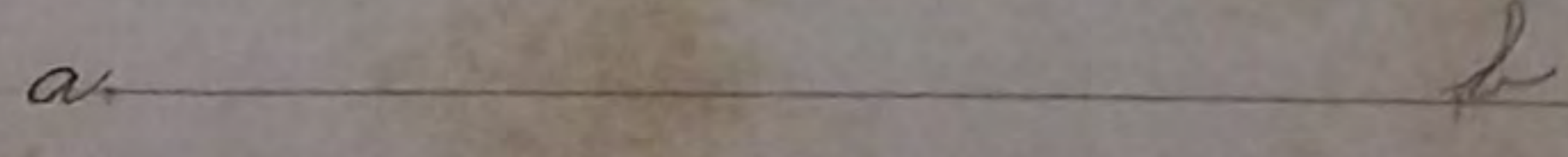
É acutângulo quando tem os três ângulos agudos.

É obtusângulo quando tem um ângulo obtuso e dois agudos. Exemplos:

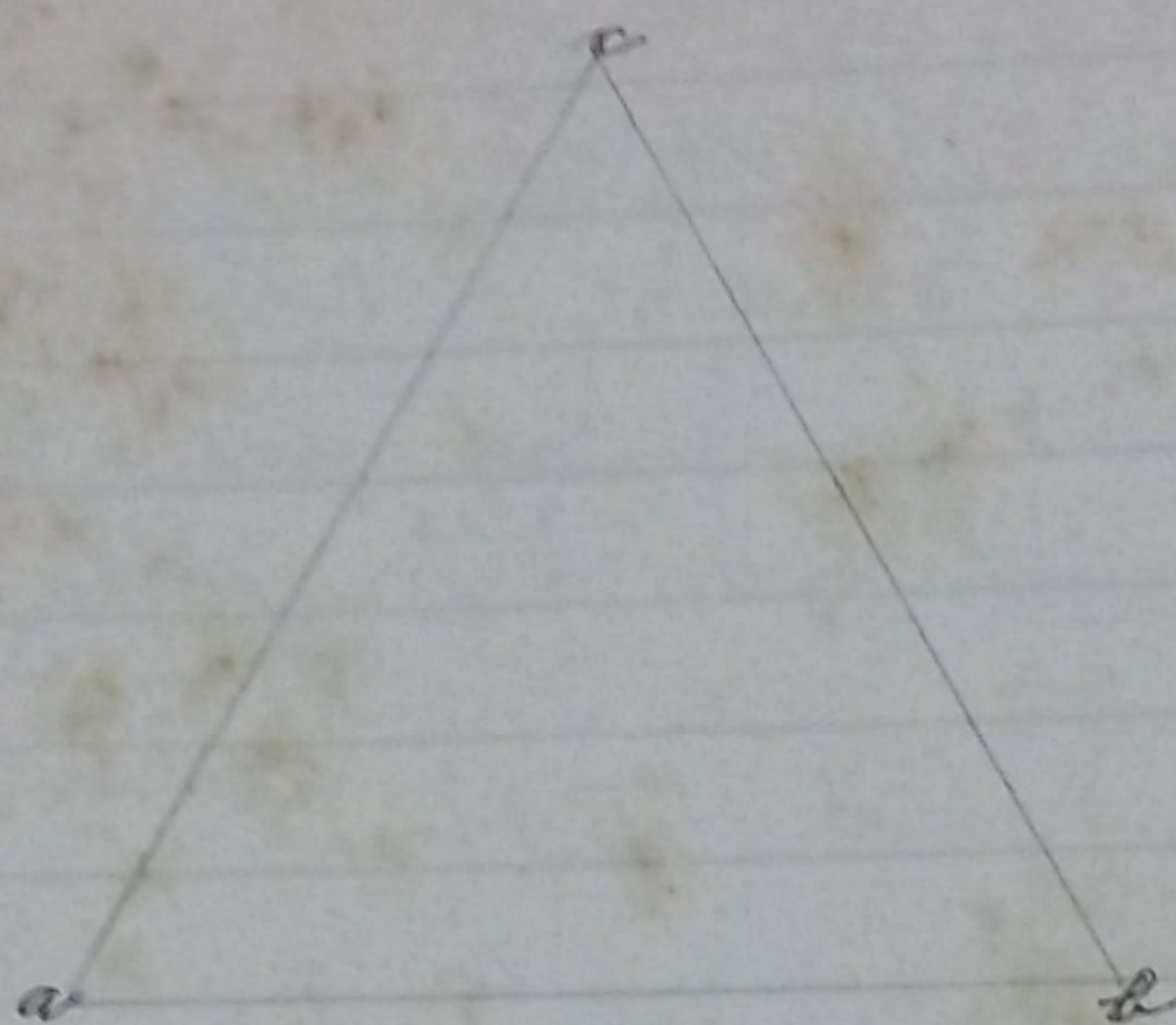


Dado um lado construir um triangulo equilatero.

Temos o lado a — b traçamos uma linha indefinida applicamos o lado a b na linha indefinida e fazendo centro na extremidade do lado marcado na linha indefinida e com a abertura do compasso igual a do lado traçamos um arco de circulo e faz-se a mesma coisa na outra extremidade e do ponto de intersecção dos dois arcos liga-se as extremidades do lado e está construido o triangulo equilatero. Exemplo.



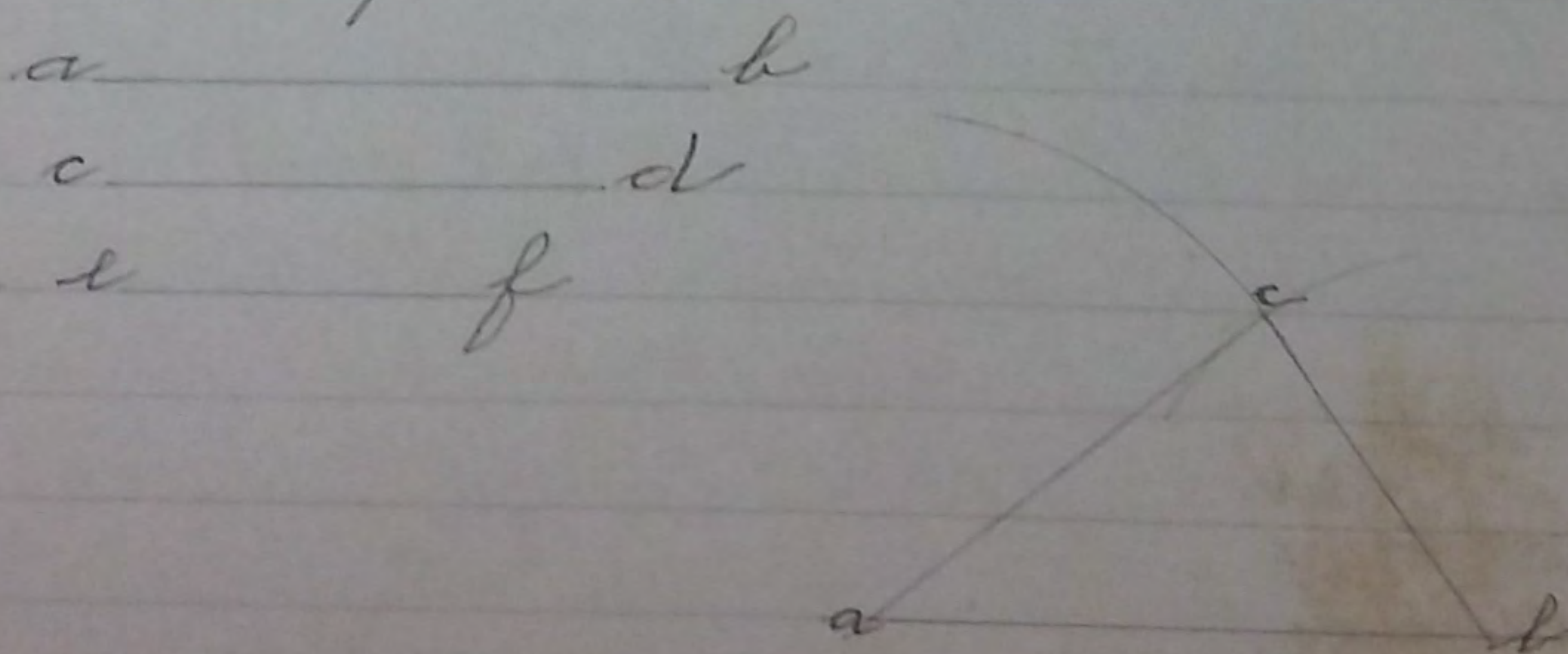




5<sup>o</sup>

Dados os tres lados construir um triangulo.

Seja o lado a — b, c — d e — f  
 trace-se numa linha indefinida,  
 applica-se qualquer ~~uma~~ dos  
 lados depois mede-se o outro lado  
 e fazendo centro na extremidade trace  
 se um arco de circulo e mede-se o  
 outro lado e fazendo centro na outra  
 extremidade trace-se outro arco de circulo  
 e do ponto de interseccão dos dois  
 arcos ligar-se as extremidades do outro  
 lado. Exemplo.



Pedro da Cunha. 5<sup>o</sup> anno.

Observação: Por esse modo já sendo copiada nesta "Selecta" a prova da  
 "Linguagem" exhibida pelo alumnus Umberto Pongini. Antonio Moraes



Observação: Consegui já sendo copiada nesta "selecta" a prova de  
"Linguagem" exhibitada pelo alumno Umberto Longini. Antonio Moraes

São Paulo, 17 de Março de 1935

Linguagem (Gramma)

Escrever uma historia inspirada pela 3.<sup>a</sup>  
gravura do Album.

### A Escola

Tocou a sineta na escola.

Os alumnos foram contentes para sua  
aula.

O professor, vendo os alumnos conten-  
tes, deu principio a aula.

Chamou um alumno para ir ao qua-  
dro de



11  
F. de A. Madrigal

São Paulo, 24 de Abril de 1923.  
História.

Estabelecimento de um governo ge-  
ral no Brazil. Os seus tres primeiros  
governadores.

O systema de colonização empre-  
gado por D. João III, não era de to-  
do máis, apegar dos erros inco-  
venientes que resultavam das ca-  
pitarias, da falta de meios effi-  
cazes, etc. E, vendo que o Brazil não  
estava bem dividido em capita-  
rias, resolveu passar então o go-  
verno nas mãos de um só gover-  
nador, no anno de 1549.

Thomé de Souza.

D. João III nomeou para esse ele-  
vado posto a Thomé de Souza,  
por causa de seus dotes governa-  
mentaes que provára em occasiões  
difficis, numa guerra na Asia e  
na Africa.

D. João III recomendou a Thomé  
de Souza, que fosse justo para  
com os indios e não perdoasse a  
qualquer falta ou erro.

Tomou posse do governo em 1549,  
e foi nomeado em 1.º de Janeiro de  
1548. Em 1.º de Fevereiro de 1549, par-  
tiu Thomé de Souza para o Bra-  
zil com 3 náos, as quaes se deno-  
minavam, O Salvador, Conceição e



Ajudado por caravelas e um bes-  
 gantim. Chegou Thomé de  
 Souza à Bahia em 24 de Março  
 encontrando-se com Garamun-  
 ni e com os colonos ainda res-  
 tantes na capitania, lançou  
 os fundamentos da nova cida-  
 de, a que deu o nome de S. Salva-  
 dor, mandou construir varios  
 edificios de pedra e cal, e para  
 defesa da cidade, levantou  
 trincheiras com duas baterias  
 do lado do mar e 4 do lado  
 da terra.

Vendo approssimar-se o termo  
 de sua administração, quiz  
 Thomé de Souza visitar pessoal-  
 mente as diversas capitancias,  
 vir o que faltava para man-  
 dar vir da Ilha de Cabo Ver-  
 de, (que fica na Africa). Enquan-  
 to Thomé de Souza fazia isto,  
 os padres Nobrega e Aspilcure-  
 ta Navarra, apuravam a lin-  
 gua indigena e nella pre-  
 gavam, de maneira que iam  
 catequizando-os. Em 1552 foi  
 nomeado o primeiro bispo do  
 Brazil, que foi D. Pero Fernan-  
 des Sardinha.

Thomé de Souza chegou  
 até S. Vicente e ali fundou  
 a villa de Itanhaem com  
 João Camalho.



Depois de uma administra-  
ção curta pelo tempo, mas es-  
tendida pelos fundamentos que  
a colônia auferiu, entregou Tho-  
mé de Souza as rédeas do gover-  
no a seu sucessor Duarte da  
Costa. (1552)

### Duarte da Costa.

Foi o 2º governador do Brazil no-  
meado por D. João III. Tomou pos-  
se da administração em 1553.

Este governo não foi bom. O má  
comportamento de seu filho Al-  
varo da Costa, fez surgir entre  
este e o bispo uma profunda  
e lamentável divergência, occa-  
sionando a retirada do bispo  
para Lisboa, e naufragando  
nos baixos chamados de D. Rodri-  
go, na foz do rio Sumaré, e  
cahindo nas mãos dos heathis,  
for por estes devorado. Pelo qual  
as cousas não iam a melhor.

Manoel da Nobrega que accom-  
panhára Thomé de Souza na  
visita das capitanias pelo Sul,  
achava-se em S. Vicente, quando  
soube da chegada na Bahia  
de Duarte da Costa e do padre  
José de Anchieta, nomeado provin-  
cial. Determindo o padre Manoel  
da Nobrega, fundar um novo col-  
legio, e como não achasse boas  
para esse fim, as aldeias do Ara-



Piratungá e a Villa de Santo  
 André; procurou um lugar  
 eminentemente entre os rios Turaga-  
 Sahir e Tamanduatehy, a 3  
 leguas distantes da Villa de  
 Santo André, e ali lançou  
 os fundamentos do collegio,  
 em 25 de Janeiro de 1554; o qual  
 tomou o nome de S Paulo, em  
 consequencia da festa que  
 a igreja commemorará con-  
 versão deste santo. Fundado  
 o collegio, começaram logo a im-  
 migrar para elle, diferentes  
 selvagens dos outros nucleos  
 colonias, a que desagradou  
 immenso a João Ramalho,  
 tão ciioso pela sua villa de  
 Santo André. (Corim em 1560)  
 Dahi nasceu uma briga en-  
 tre os jesuitas e João Rama-  
 lho, porque os jesuitas tra-  
 balhavam em beneficio de  
 S Paulo e João Ramalho em  
 beneficio da Villa de Santo  
 André. Corim em 1560 tiraram  
 pharam os jesuitas, porque  
 Mem de Sá fez a extinção  
 e demolição da Villa de San-  
 to André, considerando a pro-  
 voação que estivesse perto do  
 collegio, (a S Paulo do Pira-  
 tungá) Foi ainda no go-  
 verno de Duarte da Costa



que os francezes se estabeleceram  
no Rio de Janeiro, sob o com-  
mando de Nicolau Durand  
Villegaignon.

Um anno antes de Duarte  
da Costa deixar o seu gover-  
no, falleceu em Portugal D.  
João II, succedendo o D. Sebas-  
tião, ainda menor, sob a regen-  
cia de D. Catharina Augusta.

Mun de cá.

Tomou conta da adminis-  
tração a 16 de Janeiro de 1558.

Depois de aquitar os espiritos  
revoltosos dos indios, fez tudo  
quanto foyde em beneficio  
da colonia. Como virou em  
1555, chegou ao Rio de Janeiro,  
Nicolau Durand Villegaignon,  
vice-almirante da Bretanha.

Chegou ao Rio de Janeiro e ali  
levantou o forte de Holygui, no  
lho de Uygipe. Destinaram os fran-  
cezes o nome de Honnville, a cida-  
de que se fundasse na parte conti-  
nental da bahia de Guanabara.

Procurando desenvolver a colo-  
nia que fundára, e crever a  
Holygui, pedindo-lhe auxilio.

O celebre reformista francez, per-  
tencendo sob o commando de Cheife  
pe de Borquellais, os governos  
e senhores, que embarcaram em  
Honnville. Logo depois, virou



do Villegagnon abraçado o catholicismo, foram expulsos do forte os 11 quebrados, que se refugiaram num lugar denominado Brigueterie, que fica entre o morro do Castello e de S. Bento e depois foram para França. Não tardou muito que Villegagnon fizesse o mesmo.

Sucedeu o no commando do forte, Boss-le-Ponte.

Em cumprimento das ordens de Portugal, partiu Mem de Sá para a Bahia, com os reforços que da Europa lhe chegaram, commandados por Bartholomeu Vasconcellos da Cunha. Ao chegar ao Rio de Janeiro, atacou os inimigos fortemente, auxiliado pelos indios. Durou o combate 3 dias, sendo-lhe alguns francezes e outros refugiando-se para outros continentes. Não dispondo de forças sufficientes para bater os francezes e occupar as posições abandonadas, Mem de Sá, occupou-se em expellir o resto dos invasores, arrasou o forte, encravando a artilharia. Não tardou muito que os francezes



de novo se fortificassem na ba-  
hia do Rio de Janeiro. Em tão  
sua emergência Mem de Sá  
apellou para a metropole,  
a qual enviou immediata-  
mente 2 galeões sob o comman-  
do de Estacio de Sá, sobrinho  
do governador.

Chegou Estacio de Sá á Ba-  
hia em 1564. e no anno seguinte  
dirigiu-se para o Sul, pas-  
sando pelo Espirito Santo, do  
qual recebeu algum reforço  
do ouvidor-geral Braz Frago-  
so. Ao aportar porém, para  
bater os francezes, observou serem  
escasas as forças que dispun-  
ha para um combate formal,  
e ~~que~~ navegou logo para S. Vi-  
cente e voltou em fins de Feve-  
reiro com algum reforço, e desem-  
barcando na praia Vermelha,  
lançou os fundamentos da no-  
va cidade, a qual se ficou chia-  
mando S. Sebastião, em lembran-  
ça do nome do rei. Durante  
2 annos houve combate sem  
resultado definitivo e sendo  
Mem de Sá informado desses  
acontecimentos por José de An-  
cheta, o qual correu logo em  
socorro de seu sobrinho.  
Seguiu o governador com o  
bispo D. Pedro Spertão em



uma expedição commandada por Christovão de Barros. Navegou para S. Vicente com os reforços obtidos no Espirito Santo e com os do chefe Timunim, Brangibora e chegou à barra da Baía de Guanabara, em Janeiro de 1569 e combateu com Estacio de Sá e daren o combate no dia 29, immediato, em honra do santo padroeiro da nova cidade.

Tomou Mem de Sá a Ilha de Villegaignon no lugar denominado Urucir-Mirim e terminou a guerra junto ao rio Paranaquian, sahindo mortalmente ferido neste combate Estacio de Sá. Succedeu o no commando Salvador Correa de Sá, outro seu sobrinho. Transferiu Mem de Sá a cidade para o morro de S. Januario, hoje do Castello - Brangibora, em recompensa dos serviços prestados, deu-lhe Mem de Sá uma sesmaria. Essa sesmaria comprehende de uma legua de terra no littoral e duas que correm no rio S. João de Acaraby, sendo proposta



no José Martins e Gabriel Velha,  
sua mulher.

Solicitando Mem de lá sua  
condecoração, em parte portuguesa  
despachava em 1569, como gover-  
nador geral do Brazil a D. Luiz  
de Vasconcellos, que no meio da  
vagem foi atacado e morto  
por uma esquadilha de In-  
guetês.

Só em 1572 o morto governa-  
dor deixara a administração  
da colônia, não podendo volver  
a futura, pois no seu naci-  
dade de S. Salvador e foi en-  
terrado no cruzeiro da igreja  
dos jesuítas.

Senhor Rosa  
5º anno



12  
A de Lourenço

A. Branner 10

São Paulo 24 de Abril de 1903

Historia

Estabelecimento de um governo geral no Brazil. Os seus tres primeiros governadores

Rei de Portugal D. João III vendo que o Brazil dividido em capitania, não podia progredir pois que a justiça não era bem distribuida e levava muito tempo para vir a pena e as capitania eram muito grandes e os donatarios não podiam defender-se dos indios que sempre atacavam as capitania, e tambem muitos donatarios não vieram tomar conta das suas capitania, entao ella resolveu crear um governo geral no Brazil e para isso foi preciso compor uma capitania pois que elle tinha o dade de dae e ali entao compou a capitania da Bahia e o governador tinha os direitos de dar escripturas e julgar os lavradores moços e as causas nos engenhos dos fidalgoes e condemnar a morte quem escravizassem indios e para governador foi nomeado Thomé de Souza que já tinha dado provas de bom governador quando governou as Indias. Esta creação de governo geral foi no anno de 1548.

Em 1549 foy-se ao mar Thomé de Souza com tres caravelas e vinham nellas seis jesuitas commandados por Manoel da Nobrega, 400 de grilados, 500 homens d'armas e muitas familias e chegou na Bahia no mesmo anno. Chegando Thomé de Souza a Bahia, deu varas de a e logo encontrou com Diogo Alvares Correia (Caramuru) Este homem foi



um naufrago que conseguiram salvar de um naufragio e junto com elle mais um outro mas cahindo nas mãos dos indios, um foi devorado por elle e o outro como estava muito magro elles deixaram engordar. Mas um dia, esse que tinha ficado e que se chamava Diogo Alvares Correia, estando no meio dos indios, deu um tiro numa ave que passava nos ares, com uma espingarda que tinha salvado consigo, então os indios, que nunca viram semelhante coisa, cahiram de joelhos aos pés de Diogo Alvares Correia e gritando Caramui, Caramui, que uns dizem filho do trovão e outros dragão cahido do do mar. Desde ali foi Diogo Alvares Correia respeitado pelos indios e logo casou-se com a filha dum cacique. Então Thomé de Souza encontrando Diogo Alvares Correia e alguns colonos que restavam da capitania tratou logo de fundar uma cidade para ser a capital e a sede do governo e deu o nome de S. Salvador a cidade e mandou construir do lado do mar trincheiras com dois baluartes e do lado de terra com quatro baluartes e logo começou a dar semanas e vendo que faltava gado mandou buscar nas ilhas de Cabo Verde.

Em quarto Thomé de Souza procurava o engrandecimento da cidade os jesuitas logo aprenderam as linguas dos indios e já pregavam o Evangelio e assim os faziam abraçar a religião Christiana.

Depois Thomé de Souza deu alguns ataques aos indios e já no fim do seu



governo foi elle visitar as capitãncias e estando na povoação de S. André a elevou a villa e nomeou João Ramalho, Alcaide Mor. e tambem elevou as povoações de Otardham e Sauto a villas e ali ficou o padre Manoel da Nóbrega e elle foi embora para Portugal. Ficando como governador Duarte da Costa e foi tambem no anno de 1550 que creou o 1º bispado no Brazil sendo sufraganeo do archiepiscopo de Lisboa e sendo nomeado para bispo D. Pedro Fernandes Sardinha.

Assumiu entã as redeas do governo Duarte da Costa que foi um mau governo. Logo o filho do governador Alvares da Costa começou a não andar direito, entã o bispo queixou-se ao governador, mas elle não fez conta e o seu filho continuava a desobedecer as ordens, entã o bispo ficando desgostoso foi para Lisboa, afim de queixar-se ao rei, mas foi infeliz e o seu navio naufragou nas costas da Bahia, num lugar chamado Bayes do Rodrigo e conseguindo salvar-se mas cahindo nas mãos dos Baytes sendo devorado por elles.

Do sul as cousas tambem não iam bem, Manoel da Nóbrega, que tinha ficado em S. Vicente, tinha fundado um collegio numa colina, entre o rio Anhangabau e o rio Tamandarety, ao que deu o nome de S. Paulo, por ser assentada a primeira pedra no dia 25 de janeiro de 1554. Entã como os jesuitas, que sabiam agradar muito os



indios, elles começaram a mudar para  
perto do collegio e couro tambem vinham  
os colonos da villa de S. André, João Ramo  
lho, que procurava a prosperidade da  
sua villa, ficou enciumado e atacou os  
jeuitas, mas foi repellido, pois que os do  
collegio já estavam bem fortificados e so uca  
hou esse conflicto com a estirpção da villa  
de S. André, passando o foral de villa para  
o collegio. Foi tambem no governo de Duarte da  
Costa que os francezes estabeleceram-se no  
Rio de Janeiro. Os francezes commandados  
por Nicolau Durand Wilgthon chegaram  
no Rio de Janeiro e fundaram num ilhéu  
de Seruipé um forte a que deram o nome  
de Coligny em honra ao chefe dos protestan  
tes que chamava-se Coligny. Mandaram pedir  
reforços e conseguiram equipar-se tres navios  
onde vinham genebrinos, e commandando  
esquadra Bois-le-Comte sobrinho de Wilg  
thon. Os francezes já da chamavam o lu  
gar de Henrique e Franca Antártica, mas  
logo Wilgthon que era protestante, abraçou  
o catholicismo, entao expulsou os genebrinos  
que mudaram para o continente e soffreram  
grandes avarias e depois foram para a  
França, e Wilgthon tambem não poden  
do estar mais ali foi embora.

No anno de 1557 foi nomeado outro governo  
dor, que foi Mem de Sá, logo que elle chegou  
tratou de acalmar os animos, que estavam  
exaltados e para isso aproveitou tudo o que os  
jeuitas podiam fazer. E depois foi tratar da  
expulsão dos francezes, e reunindo gente, e com



uma esquadra que estava na Bahia comman-  
 dada por Bartholomeu da Cunha, seguiu  
 para o Rio de Janeiro e lá chegando atacou  
 os francezes que estavam no forte, venceu os  
 então elles foram para o continente e não ten-  
 do gente sufficiente para dar um combate  
 formal encravou artilheria no forte e voltou  
 a Bahia e mandou pedir reforços ao rei de Portu-  
 gal. Reforços que vieram commandados pelo  
 seu sobrinho Estacio de Sá, que chegando no  
 Rio de Janeiro, viu que a sua gente era pouca,  
 então desceu até Guanabara arranjando gente  
 e voltou para o Rio de Janeiro e desembar-  
 cou na praia Vermelha, e ahí não poder-  
 do ainda dar um combate formal conten-  
 tou-se a dar combates parciais, e no fim de dois  
 annos Mem de Sá sabendo, pelo padre Juli-  
 eta que seu sobrinho estava lá e já tinha funda-  
 do a cidade de S. Sebastião, reuniu gente e,  
 numa esquadra commandada por Chris-  
 tovan de Barros, e tambem indios comman-  
 dados por Marizhoia, seguiu para o Rio  
 de Janeiro. Então chegando Mem de Sá com sua  
 armada no Rio de Janeiro e junta-se com as  
 forças do seu sobrinho e deu no dia 20 de jan-  
 eiro o combate formal aos francezes, sendo mor-  
 to Estacio de Sá por uma flecha envenenada,  
 mas sendo derrotado completamente os fran-  
 cezes que eram commandados por Bois-le-  
 Conte que tinha substituido a Villequien.  
 Então Mem de Sá mudou a cidade para o  
 lugar onde está hoje o mosteiro de S. Castello S.  
 Jannano e deixou outro seu sobrinho Salva-  
 dor Correa de Sá como governador e em



recompensa a Françoisa deu uma  
esmola em frente a cidade e voltou  
para a Bahia. Antes desse combate elle foi  
acalmar os animos que estavam esul-  
tados ao sul e para isso estinguem a villa  
de S. André e passou o foral de villa para  
o Collegio e que depois deu principio a cida-  
de de S. Paulo. Depois disso Mem de Sá pe-  
diu a sua demissão, então foi nomeado  
para o governador D. Luiz de Vasconcellos  
que não chegou ao Brazil, por que foi  
morte no meio da viagem por febre  
e quem contou essa noticia foi um jesuita  
que conseguim saber - e.

Depois foi nomeado Luiz de Brito e  
Almeida que chegando a Bahia achou  
Mem de Sá muito mal e logo morren-  
do sendo enterrado na igreja dos jesuitas.

Pedro Theodoro da Cunha  
2º anno.



12-12-12  
F. de A. Martins

São Paulo, 23 de Maio de 1903.  
Arithmetica.

1º Sabe-se que 25 operarios em-  
pregarãõs 19 dias para executar  
certa obra, mas é necessario que  
essa obra fique prompta em 12  
dias; quantos operarios se devem  
empregar?

Solução - Para chegar-mos ao re-  
sultado, precisamos multiplicar  
25 operarios por 19 dias e o resul-  
tado dividir por 12 dias; ali acha-  
mos o resultado.

Resultado -  $39\frac{7}{12}$  operarios e sobram  
 $\frac{7}{12}$  ou 39 operarios.

2º Um negociante comprou seis  
peças de pano de  $29^m,75$  cada  
uma, a  $18\text{R}450$  o metro. Quanto tem  
que pagar?

Solução - Para chegar-mos ao  
resultado, é preciso multiplicar  
 $29^m,75$  por 6 e o resultado mul-  
tiplicar por  $18\text{R}450$ ; e achamos  
o resultado.

Resultado -  $3:293\text{R}325$ .



3º Um pintor receber 2\$000 por metro quadrado, pela pintura de quatro frentes de uma casa, medindo a 1ª 15,25; a 2ª 11,0075; a 3ª 12,09; e a 4ª 18mq; qual é a quantia total, que se lhe pagou?

Solução - Para se saber a quantia total, somma-se 15,25; com 11,0075; + 12,09; + 18; depois de feito isso, multiplica-se a somma por 2\$000 e no fim cortamos 4 zeros e temos o resultado.

Resultado - 112\$692.

4º Faltam-me 514\$000 para pagar 134 canos de lenha a 9\$000 cada um. Quanto dinheiro tenho?

Solução - Para se saber o resultado desta conta, multiplica-se 134 por 9\$000 e do resultado subtrai-se de 514\$000.

Resultado 692\$000.

Durvalina Parca.

5º anno



12  
aberto

São Paulo, 23 de Maio de 1903.

Arithmetica

1º Problema:

Sabe-se que 25 operarios empregarão 19 dias para executar esta obra, mas é necessario que essa obra fique concluida em 12 dias; quantos operarios se devem empregar?

1º Solução:

Se para fazer uma obra foi preciso 19 dias para 25 operarios fazerem, para fazer em 12 dias deve ser maior o numero de operarios, logo x é maior. O maior numero das quantidades conhecidas ocupará o 2º lugar da proporção.

25	19 dias	12	19	25	x
x	12	19	x	25	19

$$19 \times 25 = 12 \times 3958$$

$$\begin{array}{r}
 25 \\
 19 \\
 \hline
 225 \\
 25 \\
 \hline
 475 \quad | \quad 12 \\
 36 \quad | \quad 3958 \\
 \hline
 775 \\
 108 \\
 \hline
 0070 \\
 60 \\
 \hline
 100 \\
 96 \\
 \hline
 4
 \end{array}$$

Resultado: devem empregar 39,58 do operario

2º Problema:

Um negociante comprou 6 peças de panno de 2,975<sup>m</sup> cada uma, a 18,450 o metro, quanto tem que pagar?

2ª Solução:

Multiplica-se 2,975<sup>m</sup> por 18,450 e o total multiplica-se por 6

$$\begin{array}{r}
 18450 \\
 2975 \\
 \hline
 92250 \\
 129750 \\
 166050 \\
 36900 \\
 \hline
 348887,50 \\
 3293,325
 \end{array}$$

Resultado: Tem que pagar 3.293,325

3º Problema:

Um pintor recebeu 2,000 por metro quadrado, pela pintura de 4 frentes de casa, medindo a 1ª 15,25<sup>m</sup>, a 2ª 11,0075<sup>m</sup>, a 3ª 12,09<sup>m</sup>, e a 4ª 18<sup>m</sup>, qual a quantia total que se lhe pagou?



### 3ª Solução

Somma-se os números de metros e o total multiplica-se por 2,000

$$\begin{array}{r} 15,2500 \\ 11,0075 \\ 12,0900 \\ 18,0000 \\ \hline 56,3475 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 56,3475 \\ \times 2,000 \\ \hline 112,695,000 \end{array}$$

Resultado: lhe pagou 112,695.

### 4º Problema:

Faltam-me 514,000 para pagar 134 canos de lenha a 9,000 cada um. Quanto dinheiro me tenho?

### 4ª Solução:

Multiplica-se 134 por 9,000 e do resultado total tira-se 514,000

$$\begin{array}{r} 134 \\ \times 9,000 \\ \hline 1206000 \\ 514000 \\ \hline 692000 \end{array}$$

Resultado: Tenho em dinheiro 692,000

Octavio Spilborghs.  
5º Anni.



São Paulo, 26 de Maio de 1903.  
Zoolojia.

Apparelho digestivo.  
Seus órgãos e anexos.

O nosso apparelho digestivo compõe-se de um tubo mais ou menos comprido, não tendo a extensão o mesmo calibre.

É formado por muitos e diferentes órgãos, a saber; 1º Bocca, 2º Pharynge, 3º Esophago, 4º Estomago, 5º Intestino delgado, 6º Intestino grosso.

Bocca é a cavidade pela qual introduzimos os alimentos no apparelho digestivo.

A bocca é limitada superiormente pela aboboda palatina, lateralmente pelas faces, inferiormente pela lingua, anteriormente pelas beijas, posteriormente pelo vio palatino.

A bocca tem posteriormente um orificio que a põe em comunicação com a pharynge, chamada istimo das fauces.

O vio palatino é uma membrana que se encontra na parte posterior da bocca, e que se eleva ou abaixa para estabelecer a comunicação das fossas nazaes; apresenta no istimo das fauces, um prolongamento vertical que se divide ao meio, chamado campainha ou uvula.

Dentes. A bocca é guardada por



uma fiada de dentes, implantados nas maxillas, superior e inferior.

Cada maxilla tem igual numero de dentes, que se correspondem mutuamente.

Os dentes servem para dividir ou triturar os alimentos solidos.

Os 4 anteriores de cada maxilla, tem a forma de cizel e são destinados a cortar os alimentos, por isso se chamam incisivos; os 2 immediatos, terminam em pontas aguçadas e são destinados a rasgar a carne e chamam-se caninos, por corresponderem aos dentes mais salientes dos cães.

A parte que está a descoberta, chama-se corôa; a parte que está introduzida na maxilla, chama-se raiz e a linha de separação dessas 2 partes, é o collo da raiz.

Os dentes nascem em saccos contidos nos alveolos, chamados bolbos dentarios; onde terminam as ramificações dos nervos e os vasos sanguineos que os alimentam.

O bolbo dentario, contém interiormente uma substancia molle, que segrega uma substancia dura, que é a dentina.

A corôa do dente, é recoberta de um verniz protector, chamado esmalte e a raiz de uma substancia ossea, chamada cimento.

Pharynge chamada garganta, é uma



fúmil membranoso, cuja abertura maior está situado em baixo do istmo das fauces.

Comunica-se com as fossas nasas, com a trachia altera, por onde penetra o ar nos pulmões, e com o ouvido médio, por meio da Trompa d'Eustaquio.

Esophago, chamado gúela, é um tubo membranoso, elastico, que acompanha a columna vertebral; termina no estomago por um orificio chamado cardia.

Estomago é uma especie de sacco membranoso, parecido com uma gaita de folles.

Está situado horizontalmente na parte superior do abdomen.

Comunica-se com os intestinos.

Intestino delgado, é a continuação do estomago.

Intestino Grosso, é maior em diametro do que o intestino delgado.

É ali que se acaba a digestão dos alimentos.

Orgãos annexos do apparelho digestivo, são; o figado, as pancreas, as glandulas salivares, as glandulas intestinaes e as glandulas gastricas.



11  
Alimentar

São Paulo, 26 de Maio de 1903

Zoologia  
10

Apparelho digestivo - Seus órgãos e anexos.

Apparelho digestivo é um tubo comprido não tendo a mesma grossura. Esse aparelho é composto de bocca, pharynx, esophago, estomago, intestino fino e intestino grosso. Os anexos são as glandulas salivares, que estão na bocca, as glandulas gasticas que estão no estomago, o pancreas e o fígado estão no abdomem e as intestinaes que estão nos intestinos.

Bocca é uma cavidade por onde é introduzido o alimento. A bocca é limitada superiormente pela abobada palatina, inferiormente pela lingua lateralmente pela face e por fora pelos maxillares.

Essa cavidade tem comunicação com as fossas nazaes pelo isthmus das fauces, por detrás dessa cavidade está situada a campinha. Essa cavidade contem os  dentes que são em numero de 32, a lingua e as glandulas salivares que deramam os succos nella. O pharynx, orgão que vem logo depois da bocca, tem a forma de um funil, considerando se o esophago como a parte que se introduz na garrafa. O pharynx



é limitado superiormente pela boca e inferiormente pelo esôphago. O Esôphago como já vimos é mais ou menos considerado com a forma da parte do funil que é collocada na garrafa. Esse tubo está bem lizo, e molhado por um succo que é para ajudar o alimento que já vem molhado pela saliva, a descer.

O estomago orgão que tem a forma mais ou menos do foles de uma garrafa, e é nelle que estão situadas as glandulas gastricas. Intestino fino é um tubo que está enrolado sobre si mesmo e divide-se em duodeno porque tem o comprimento de 12 dedos, jejuno que é assim chamado por estar sempre vasio, e ilheon que vai ter ao cego. No intestino fino estão situadas as glandulas intestinaes. Intestino grosso é <sup>tambem</sup> um tubo mais grosso do que o primeiro e divide-se em cego, por estar sempre fechado por isso que é assim chamado, recto e o collo que divide-se em transverso ascendente e descendente. As glandulas salivares dividem-se em parotidas que são duas e estão situadas por debaixo das orelhas, duas sub-maxillares, e duas sub-linguaes que estão situadas por debaixo da lingua, vindo todas essas de uma ou os seus successos na bocca, tomando todos juntos o nome



de saliva que tem o fermento com-  
posto de clorureto de sodio, chamado  
ptyalina, que transforma os ali-  
mentos feculentos em assucar. E'  
tambem na bocca que dá-se a  
insalivação e a trituração do ali-  
mento até que formado o bolo alimen-  
tivo, a lingua faz um movimento  
de diante para traz jogando com  
o alimento para o pharynx, dando-se  
a deglutição, donde segue para o es-  
ophago e entra no estomago por uma  
valvula chamada cardia. Ali no  
estomago é o alimento misturado  
com o fermento do succo gastrico cha-  
mado pepsina que ataca os alimen-  
tos animaes, e é tambem muxido  
até que depois de estar transformado  
em chimo abre-se em outra valvula  
chamada pyloro e o alimento cae no  
intestino fino, sendo ali misturado  
com o succo pancreatico, com o succo  
enterico e com o bilis, sendo ali de  
novo o alimento transformado em as-  
sucar até que estando purificado,  
os succos que servem para a nutrição  
são absorvidos pelos vasos chyliferos e  
pelas veias de absorção para a circu-  
ção, donde elle se espalha por todo o or-  
ganismo.

Benedicto Marques de Oliveira Filho  
5º anno

10  
F. de



São Paulo, 25 de Maio de 1903.

Botânica.

Caulis. Sua divisão. Especies de caule. Exemplos.

Caulis é a parte ascendente do vegetal que sustenta os galhos, folhas, flores, fructos; ou é a parte superior da planta que cresce em sentido contrario á raiz.

O caule é tambem orgão de nutrição da planta. O caule consta de tres partes, que são: casca, lenho e medulla. Os caules dividem-se em: aereos, e subterraneos. Caules aereos são aquelles que crescem em cima da terra. Caules subterraneos são aquelles que crescem debaixo da terra; exemplos: o caule da batata, da mandioca.

As especies dos caules aereos, são: troncos, colmos, caules propriamente dicto, hastes, estipes, etc. Tronco é o caule das grandes arvores; exemplos: o caule do pecêgueiro, macieira, limeira, etc.

Colmo é o caule que tem nó de espaço em espaço; exemplos: o do bambu, da canna, etc.

Caulis propriamente dicto é o caule das plantas pequenas, geralmente dos arbustos; exemplo: o caule do amor perfeito, etc. Estipe é o caule que é mais grosso em baixo, e mais fino em cima, e só tem folhas na parte superior; exemplo: o do coqueiro, etc. Geralmente de todas as palmeiras.

Haste é o caule que por entre as folhas, sahe um varão comprido. Exemplo: o caule da cravina etc. Os caules subterraneos dividem-se em: rhizomas, bolbos, e tuberculos.

Rhizomas, são os caules que crescem em sentido horizontal; exemplo o da violeta etc. Asseme-



cham-se a raízes. Bolbos são os caules que têm a forma mais ou menos esférica, e têm umas escamas, por onde sahem as folhas; exemplos: o caule da cebola, do alho, etc.

Tuberculos são os caules que têm a forma mais ou menos esférica, e têm uns pequenos orificios por onde sahem os galhos. Exemplos: batata, cará, etc. Contem uma massa ou fecula que serve de alimento.



São Paulo, 25 de Maio de 1903

## Botânica

Caulis - Sua divisão. Exemplos de caules.  
Exemplos.

Caulis é a parte ascendente e central do vegetal e que cresce em sentido opposto a raíz. A primeira divisão do caule é em simples e ramificados, a segunda é em aéreo e subterrâneos. O caule é simples quando não tem galhos e é ramificado quando tem galhos.

O caule é aéreo quando desenvolve-se no ar e é subterrâneo quando cresce embaixo da terra. Exemplos de caules simples: o caule da palmeira, o do coqueiro e o da beterraba. Exemplos de caules ramificados: o caule da ameixeira, o da laranjeira, o da pitangueira etc, estes também são aéreos.

Exemplos de caules subterrâneos: o da cebola, o do gengibre, o do alho etc. Os caules aéreos dividem-se em: colmos, espiques, troncos, caules propriamente ditos ou hastes ou talos. O caule é colmo quando tem nós e gomos que podem ser cheios ou ocos, exemplos: o caule da canna de açúcar, este é cheio, o caule do bambu, este é oco, o caule do milho etc. O caule é espike quando tem quasi o mesmo diametro desde baixo até em cima e não tem galhos, é simples e não tem casca, é lizo e tem a consistencia comeca ou vitrea, exemplos: o caule do coqueiro da palmeira etc.

O caule é tronco quando é forte, lenhoso e tira-se delle madeiras para construcão, exemplos:



o da peroba, fequitubá, pirulo etc.  
Ocaule é propriamente dicto quando é proprio  
dos arbustos, e muito fraco e simples: elle  
toma o nome de talo na couve, de hastes no  
cravo e propriamente dicto como nas roseiras  
em fim nos arbustos. Os caules subterraneos  
dividem-se em bulbos, tuberculos e ryzomas.

Ocaule é bulbo quando tem mais ou menos  
a forma esphérica ou de uma cabeça, e as  
escamas são muito grossas, espessas e envolvem  
o prato exemplo: o caule da cebola.

Ocaule é tuberculo quando tem a forma  
mais ou menos esphérica e tem uns osthios  
por onde sahem as folhas e a raiz, exemplo  
o caule da batata inglesa.

Ocaule é ryzoma quando desenvolve  
horizontalmente no solo, e tem de espaços  
a espaços uns nozinhos por onde sa-  
hem as folhas do lado superior e pela  
parte inferior sahe a raiz, exemplo: o cau-  
le do gengibre. O bulbo divide-se ainda  
em: tunicados, cheios e escamosos.

O bulbo é tunicado quando as folhas são  
muito espessas e cortando-se elle transver-  
salmente percebe-se as tunicas que elle for-  
ma e envolvem completamente o prato.

O bulbo é cheio quando as folhas enro são  
muito espessas e envolvendo completamente  
o prato. Elle é escamoso quando as folhas  
ficam sobre tortas e assim formam parece  
que as telhas de um telhado, exemplo: o caule  
da assucena. A estes caules dá o nome de cabeça  
como por exemplo diz-se: cabeça de cebola, cabeça  
de alho.

Pedro Cunha  
5º anno



São Paulo, 10 de Junho de 1903.

Musica.

Qual é a tonalidade dos exercícios  
numeros: 76, 79, 80, 87, 90, 83, 78, 85, 86.

O exercício numero 76, se for maior a  
tonalidade é do e se for menor a  
tonalidade é la.

O exercício numero 79, se for maior  
a tonalidade é fa e se for me-  
nor a tonalidade é re.

O exercício numero 80, se for ma-  
ior a tonalidade é si e se for  
menor a tonalidade é sol.

O exercício numero 89, se for ma-  
ior a tonalidade é mi e se  
for menor a tonalidade é  
do.

O exercício numero 90, se for  
maior a tonalidade é la, e  
se for menor a tonalidade é  
fa.

O exercício numero 83, se for ma-  
ior a tonalidade é sol, e se  
for menor a tonalidade  
é mi.

O exercício numero 78, se for  
maior a tonalidade é re e  
se for menor a tonalidade  
é si.

O exercício numero 85, se for

B. Os exercícios a que se refere são extraídos do método de Bona.



maior a tonalidade é la, e se for menor a tonalidade é fa sustenido.

O exercício número 80, se for maior a tonalidade é mi, e se for menor a tonalidade é do sustenido.

## II

Que ternpos são os dos exercícios números, 77, 79, 81, 84, 85, 87, 90, 92.

O exercício número 77, é quaternário simples, porque é um e só.

O exercício número 79, é binário simples, porque é  $\frac{2}{4}$ .

O exercício número 81, é ternário simples, porque é  $\frac{3}{8}$ .

O exercício número 84, é ternário simples, porque é  $\frac{3}{4}$ .

O exercício número 85, é binário composto, porque é  $\frac{6}{8}$ .

O exercício número 87, é ternário composto, porque é  $\frac{9}{8}$ .

O exercício número 90, é quaternário composto, porque é  $\frac{12}{8}$ .

O exercício número 92, é binário simples, porque é  $\frac{4}{4}$ .

Maria Abreu Leornil. - 5º ano.



São Paulo, 17 de Junho de 1903

Musica

1º

Qual é a tonalidade dos exercícios n.ºs  
14, 23, 13, 85, 86, 74, 89, 89, 70.

Tonalidade é a força que faz convergir  
todas as notas de uma escala para  
uma só chamada

Tonica

A tonalidade com os sustenidos acha-se  
se for maior uma nota acima do  
último sustenido e se for menor acha-se  
uma nota abaixo do último sustenido.

A tonalidade com os bemóis acha-se se  
for maior uma 4.ª abaixo do último  
bemol e se for menor acha-se uma  
6.ª abaixo do último bemol.

A tonalidade do número 76 é natural, isto  
é do maior ou la menor.

A tonalidade do n.º 83 é se for maior será  
sol e se for menor será mi.

A tonalidade do n.º 78 é se for maior será  
ré e se for menor será si.

A tonalidade do n.º 85 é se for maior será  
fa e se for menor será fa.

A tonalidade do n.º 86 é se for maior será  
mi e se for menor será ds.

A tonalidade do n.º 79 é se for maior será  
fa e se for menor será re.

A tonalidade do n.º 80 se é se for maior  
será si e se for menor será sol.

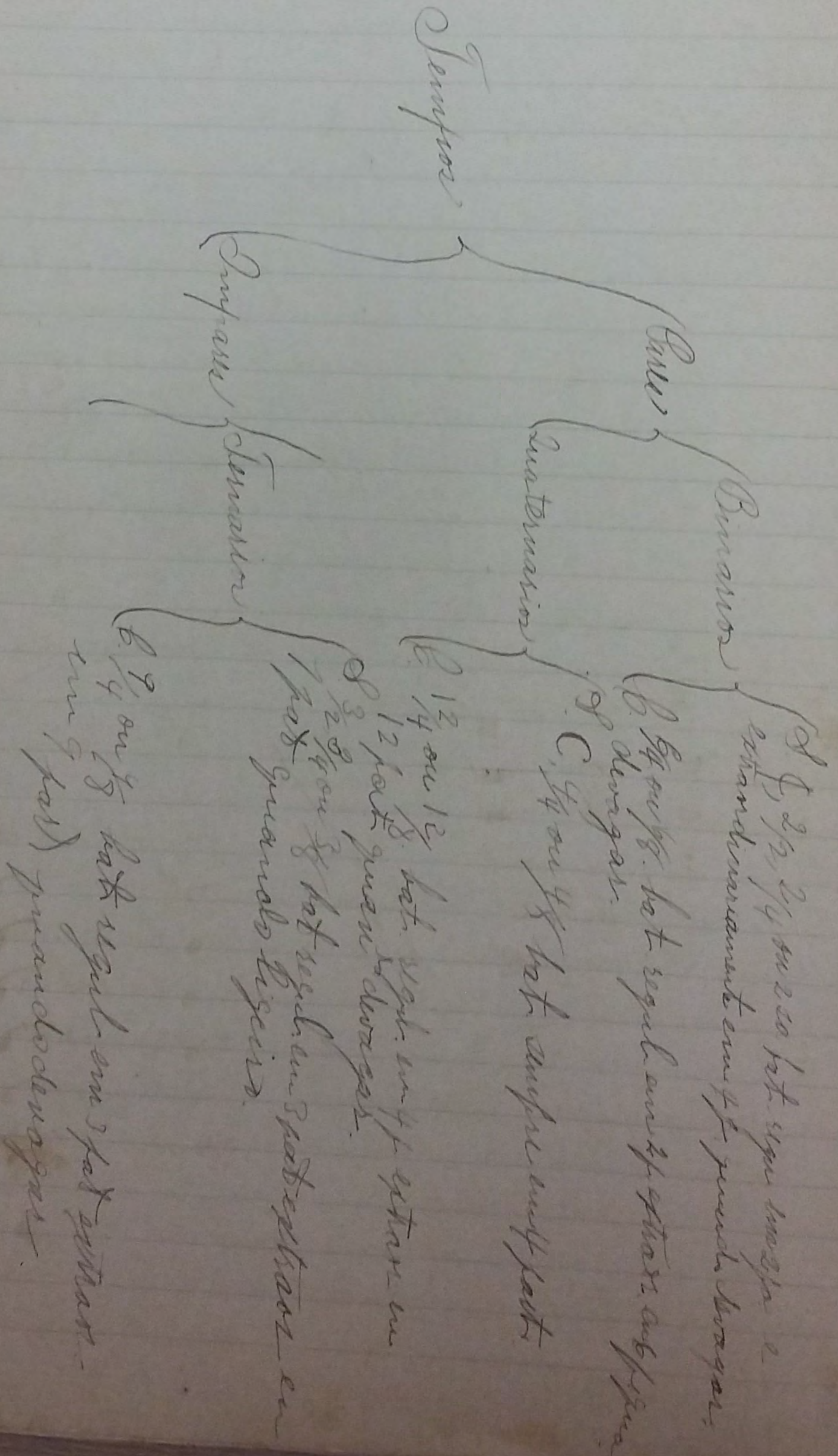
A tonalidade do n.º 89 é se for maior será

N.B. Os exercícios a que se refere esta prova são extraídos do método de Bona.



mi e se for menor era do.  
 e tonalidade do no 9 e se for maior  
 sera la e se for menor sera fa.

2º  
 Schema dos tempos





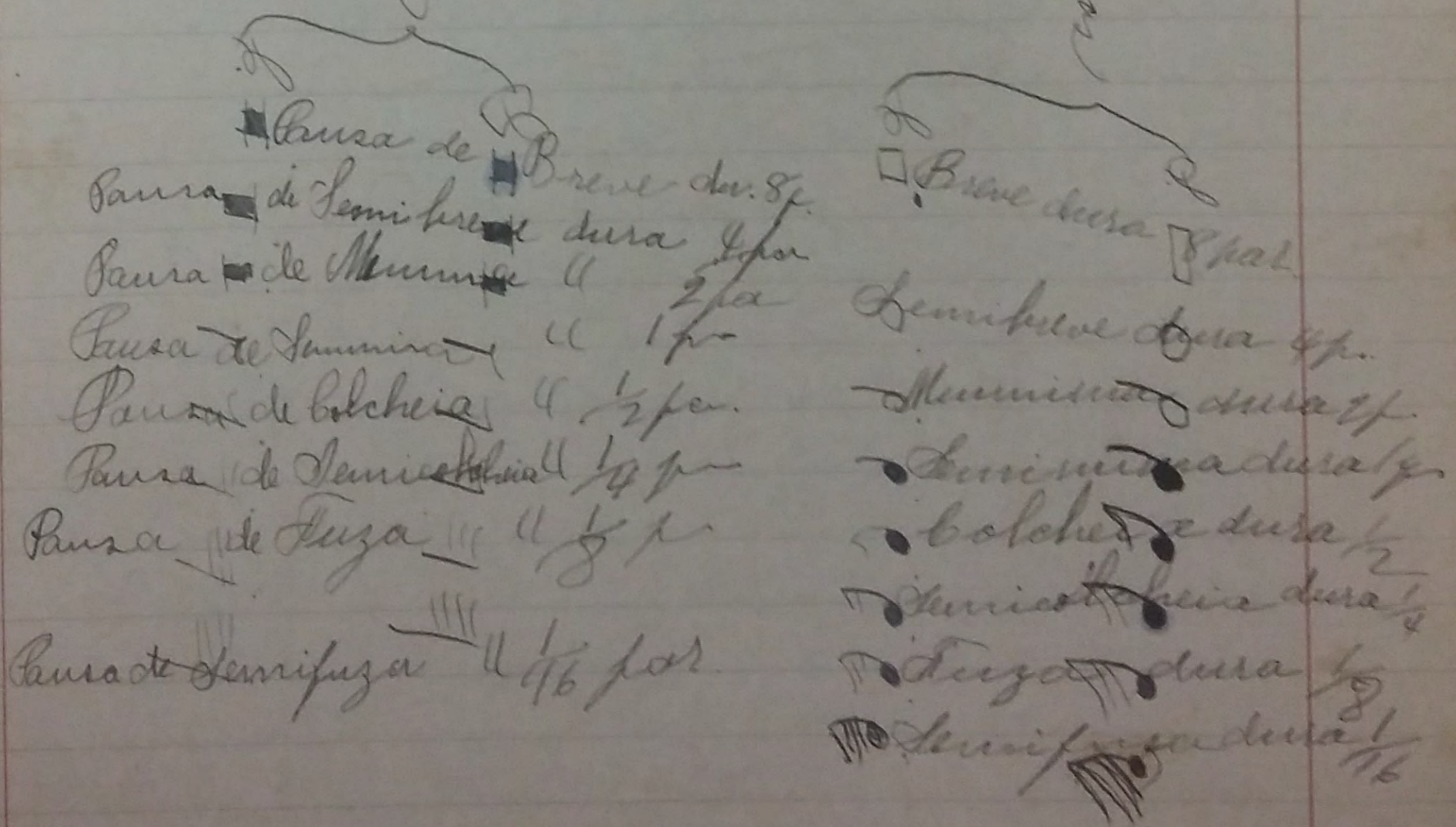
3-0

Schema da furacao absoluta.

Duração absoluta

Negativa Paura

Positiva Espuma



Pedro Cunha  
D. ana



11-  
F. A. Martins

São Paulo, 24 de Julho de 1903.  
Historia.

### Inconfidencia mineira.

Era governador de Minas Geraes, Au-  
iz da Cunha, quando appareceram as i-  
deias de Independencia.

Domingos Vidal Barbosa, chegou de Fran-  
ça com as ideias de Independencia em 1788,  
e ahi encontrando as mesmas ideias tra-  
nou uma conspiração, com o fim de pro-  
clamar a Independencia e a Republica.

Foi no reinado de D. Maria I, que appare-  
ceram em nosso paiz as primeiras ideias  
de Independencia, coincidindo as aspira-  
ções dos mineiros com a que igualmente  
nutriam os brazileiros que estudavam em  
Mont. pellier em Franca, Domingos Vidal  
Barbosa, natural de Madrid, e os flum-  
inenses José Joaquim de Maia e José  
Mariano Spal, estudantes d'aquella adven-  
sidade, inspirados na Independencia  
que os Estados Unidos havia conquista-  
do, acreditaram ser causa facil a liber-  
tacao do nosso paiz do jugo portuguez.

Para isso, confundiaram com o ministro  
dos Estados Unidos, proem, sendo desari-  
madoras as informações por elle dadas,  
regressaram a patria, moros José Joaquim  
de Maia, que morreu em Lisboa.

Entre os confurados, notavam-se os seguin-  
tes: o coronel Ignacio Tevarenga Peixoto,



o poeta Claudio Manuel da Costa, Thomaz Antonio Gonzaga e o telheiro Joaquin da Silva Xavier, alcunhado o Tiradentes (pela habilidade em extrahir dentes).

Tiradentes foi mandado ao Rio de Janeiro com o fim de conferenciar com o Dr. Frei Alvaro Mucil e ao mesmo tempo comprar armas e munições.

Tinham os conspiradores por união e protesto, o rigor empregado pelo governo na cobrança dos impostos que não tinham sido arrecadados no tempo devido. O Visconde de Barbacena, successor de Frijol da Cunha, tendo a noticia da conspiração tramada em Minas, communiçou logo ao Vice-rei Frijol de Vasconcellas, que suspendeu immediatamente a cobrança dos impostos e mandou prender todos os chefes da conspiração, unde todos condemnados á morte.

Quem denunciou a conspiração foi Joaquin Silveira dos Reis, que tambem era um dos conspiradores.

D. Maria I commutou a pena em degredo perpetuo para todos, com excepção de Tiradentes, que era o chefe da conspiração e foi impellido, por ser militar.

Joaquin da Silva Xavier, foi preso e impellido na cidade do Rio de



Janeiro e dizem muitos, que foi na pra.  
ca onde existe hoje a estatua de D. Pedro I.  
A casa de Tiradentes foi arrazada e seus  
filhos condemnados infames.  
Os outros foram degradados para a co-  
sta d Africa e foi Mariano Real ma-  
re no degradado.

Maria Candida Mello  
3º anno feminino



São Paulo, 24 de Julho de 1703.

Historia

Inconfidencia mineira.

Foi no reinado de D. Maria I que appareceram em nosso paiz as primeiras idéas de independencia, coincidindo o tentamen de alguns mineiros que igualmente tiveram a mesma idéa com alguns brasileiros que estudavam em Montpellier, na França. Domingos Vidal Barbosa, natural de Minas Geraes, e os fluminenses José Mariano Leal, e José Joaquim da Maia, estudavam naquelle universidade, instirados pela independencia que os Estados Unidos acabavam de conquistar em 1776, e pelas idéas liberaes que invadiam a Europa, pareceram ser oportuno o momento para libertarem o Brazil do jugo portuguez, e para isso foram ter com Jefferson, ministro dos Estados, o qual desanimou-os dizendo que o Brazil ainda não tinha forças sufficientes para isso, porque ainda era novo, com o que elles regressaram à patria, menos José Joaquim da Maia, que morreu em Serbôa. Aqui no Brazil, na capitania de Minas Geraes, tambem <sup>já</sup> estavam formando os planos e



volucionarios, pretendendo-se esta-  
belecer o governo republicano no Bra-  
zil. Os principais conspiradores, que  
salientaram-se, foram: Ignacio  
José de Alvarenga Peixoto, poeta esti-  
mado, que fôra incumbido de redi-  
gir as leis e decretos que fossem  
logo promulgados, Claudio Manoel  
da Costa, advogado e tambem poe-  
ta, o desembargador Thomaz Anto-  
nio Gonzaga ouvidor de Villa Rica  
e tambem poeta, o alferes Joaquim  
José Xavier que tinha a alcunha de  
Tiradentes, e os tenentes-coroneis Anto-  
nio Vieira, e Francisco Freire de Andra-  
de, e os padres Carlos Correia, e Antonio  
de Oliveira Rodim. A revolução propa-  
gava-se por todas as camadas so-  
ciaes, já com todos os seus planos.  
Tinham marcado a breve revolução  
para o dia em que o governo effectuas-  
se a cobrança do quinto do ouro, que  
aquelle anno estava atrazado e mon-  
tava em 700 arrobas, sendo isso rece-  
bido pelo povo como verdadeira medi-  
da de affronta; celebraram varias reu-  
nões em uma das quaes, concordaram,  
por proposta de Alvarenga, que a ban-  
deira da nova republica teria por di-  
visa as palavras latinas, libertas quae  
dizer (liberdade ainda tarde) que  
mudariam a capital para São  
João del. Rei, e que empium arebentaria



a revolução no dia que cobrassem o quinto do ouro. Para comprar armamentos e obter o auxilio dos fluminenses, Tiradentes partiu para o Rio de Janeiro, onde já tinha estado e conferenciado com o Dr. José Alves Maciel, que a pouco tinha chegado da Europa e prestado muitos serviços a conspiração. Assim estavam dispostas as cousas, quando o visconde de Barbacena que succedera a Luiz da Cunha Menezes no governo de Minas em 1778, em 1792 recibia denuncia da conspiração, que lhe foi dada pelo portuguez Joaquim Silverio dos Reis que tinha entrado na conspiração como conspirador, e depois de conhecer todos os planos fez essa traição. O visconde de Barbacena logo que soube participou ao vice-rei do Brazil que era D. Luiz de Vasconcellos, e elle logo suspendeu a cobrança do quinto do ouro que era o maior desgosto do povo, depois seguiu a prisão dos conspiradores em Minas Geraes, e de Tiradentes no Rio de Janeiro, instaurando-se o processo nessas duas cidades. Foram feitos muitos interrogatorios, sobre sabendo-se nelle o alferes Tiradentes que chamou sobre si toda culpa, dizendo que elle era o unico culpado por que tinha desencabeçado os seus companheiros.



Reuniram-se de novo no dia 18 de  
Abril de 1792, em sessão os ministros  
da alçada, e outros, resolvendo  
condenar um dos conspirado-  
res a morte, e outros a desterro. Mas  
a rainha D. Maria I por carta régia  
de 5 de Outubro de 1790 commutou a  
pena de morte para desterro, menos  
Tiradentes, que com o barão e pregão,  
de alva, seria conduzido, acompa-  
nhado Arauto, que era quem apreguava  
a sentença do martyr, pelas ruas pu-  
blicas até chegar a forca onde suf-  
feria morte natural, depois de ser  
enforcado o seu corpo seria esparte-  
jado, a sua cabeça seria cortada e  
levantada em postes pelo caminho  
de Villa Rica até que as aves a consu-  
missem, seu corpo seria jogado pelas  
Villas de Varginha, e bebolas, declarar  
se ra infame e infames os seus netos e  
filhos, os seus bens seriam confiscados  
para a camara, a sua casa seria  
arrazada e salgada, levantando-  
se no centro um padrão o qual mos-  
traria a sua infamia, a sua familia  
seria amaldiçoada até a terceira ge-  
ração. No dia 21 de Abril de 1792 foi  
Tiradentes executado perante ao povo  
que attendera ao convite do vice rei, as  
forças policiaes e outros. Logo que Tiraden-  
tes saiu da prisão e foi conduzido  
à forca, subiu no cadafalso, quiz fallar  
mas não pôde, porque a sua voz



foi logo cortada pelo ruflar dos  
tambores, e o tocar dos clarins. En-  
tão o carrasco, que chamava-se bap-  
tania cumpriu sua missão enfor-  
cando-o e depois esquarterando  
o martyr. Entre os conspiradores  
que foram degradados conta-se  
blaudis Maxwell da bosta que cons-  
ta que suicidou-se na prisão; Igra-  
cio de Alvaranga Piixoto que foi des-  
terrado para Ambáca; Dom José  
Alves Maciel para Moçambique e  
o desembargador Thomaz Antonio  
Gonzaga para Moçambique, esses  
destrados partiram do Rio de Ja-  
neiro a 22 de Maio de 1792.

Benedicto Marques de Oliveira  
5º anno



11-  
F. de A. Madeira

São Paulo, 19 de Agosto de 1903.  
Aritmética.

1º

### Theoria da numeracao decimal.

Na numeracao decimal os numeros crescem e decrescem de dez em dez. Assim dividindo a unidade em dez partes, forma os decimos, e dividindo os decimos em 10 partes, forma os centesimos, e os centesimos dividindo em 10 partes iguais, forma os millesimos. Os decimos escreve-se com uma casa decimal a direita da virgula, os centesimos com duas casas, e os millesimos com tres casas tambem a direita da virgula decimal, ou dez unidades forma uma dezena; dez dezenas forma uma centena; dez centenas forma um milhar; dez milhares forma uma dezena de milhar; dez dezenas de milhar forma uma centena de milhares; e dez dezenas de milhares forma um milhao, e assim por diante. Esta numeracao chama-se decimal, porque as unidades crescem e decrescem de dez em dez. Os numeros decimais guardam sempre a ordem decupla. As unidades simples são unidades de 1ª ordem. As dezenas são unidades



des. de 2<sup>a</sup> ordem. As centenas são unidades de 3<sup>a</sup> ordem. Os milhares são unidades de 4<sup>a</sup> ordem. As dezenas de milhares são unidades de 5<sup>a</sup> ordem. As centenas de milhares são de 6<sup>a</sup> ordem, etc. etc.

2<sup>o</sup>

Um terreno de forma rectangular, com 35 braças de frente por 190 varas de fundo, custou 20:700\$000. A como ficou cada metro quadrado?

Solução: Resolve-se este problema do seguinte modo. Multiplica-se 35<sup>h</sup> por 2<sup>m</sup>, 2 que é o valor da braça e depois multiplica-se 190<sup>v</sup> por 1<sup>m</sup>, 1 que é quanto vale a vara; e depois multiplicando-se os dois productos, e divide-se por 20:700\$000; ou  $35^h \times 2^m, 2 = 77^m, 2$  e  $1^m, 1 \times 190^v = 209^m$ ; e  $77^m, 2 \times 209^m = 16.093^m, 2$  e divide-se por  $20:700\$000 \div 16093^m, 2 = 1\$286^+ \text{ rs.}$

Resultado. Ficou cada metro quadrado por 1\$286 rs.

3<sup>o</sup>

Qual é o cubo do numero 12,7?

Solução: Resolve-se este problema do seguinte modo, porque para se



achar o cubo de um numero multi-  
plica-se este numero tres vezes por  
si mesmo; isto e multiplicada-se  
 $12,7 \times 12,7$  e o producto multiplica-se  
outra vez por  $12,7$ ; ou  $(12,7 \times 12,7 = 161,29$   
 $\times 12,7 = 2048,383$ .

Resultado O cubo do numero  $12,7$  e  
 $2048,383$ .

4°

Um metro cubico de madeira sus-  
tando  $108\#000$ , quanto sustaraõ 9,  
metros e 125 decimetros cubicos?

Soluçãõ: Para se resolver este proble-  
ma, faz-se o seguinte. Multiplica-se  
9 metros 125 por  $108\#000$  que da  
 $985\#500$ , ou  $(9^{m^3} 125^{dc^3} \times 108\#000 = 985\#500)$

Resultado: Sustaraõ os  $9^{m^3} 125^{dc^3}$   $985\#500$ .

Sucilla Dente, 5° anno



11  
aberto

A. Bresser 23

São Paulo, 19 de Agosto de 1903

Arithmetica

1º

Theoria da numeração decimal.

Escreve-se a numeração decimal, ficando a parte inteira, se tiver, separada da parte decimal por meio duma virgula.

A numeração decimal segue a ordem decrescente. Numeração é a arte de escrever quantidades por meio de números.

A numeração divide-se em fallada e escripta. Numeração fallada é aquella que se escreve os números por meio de palavras.

Numeração escripta é aquella que se escreve os números por meio de algarismos.

Algarismos são signaes ou caracteres.

A numeração fallada decimal é aquella que dez unidades valem uma de ordem superior. A numeração escripta decimal é aquella que se escreve os números da esquerda para a direita; divide-se o número da direita para a esquerda de tres em tres algarismos dando a cada ordem o seu nome; pode o número da esquerda deixar de ter tres ou dois algarismos. Os números 1. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. 0 são números simples e significativos; os números 11. 12 etc são combinações ou derivações dos significativos e chamam-se compostos. A primeira classe chama-se unidades, a segunda dezenas, a terceira centenas, a quarta milhares, a quinta milhões, a sexta bilhões, a setima dos bilhões a oitava dos quatrilhões etc.

2º

Um terreno de forma rectangular com 35 braços



de frente por 190 varas de fundo custou 20'700\$,  
por quanto ficou cada metro quadrado?

Solução: Reduz-se 35 braças a metros, 190 varas  
a metros e multiplica-se esse metro e divide-se  
esse resultado por 20'700\$ e no mesmo resulta-  
do.

Resultado: O custo do metro quadrado é de  
1\$286.

3º

Qual é o cubo do número 12,7?

Solução: Multiplica-se o número 12,7 por 12,7  
e esse resultado multiplicado por 12,7 e nos dá  
o resultado.

Resultado: O cubo de 12,7 é 2048,383.

4º

Um metro cúbico de madeira custando  
108\$000; q<sup>to</sup> custarão 9,725?

Solução: Multiplica-se 108\$000 por 9,725 e depois  
de effectuada a multiplicação corta-se as casas  
decimais e no mesmo resultado.

Resultado: Custarão os 9,725 985\$500.

José Pinto  
5º ano



São Paulo, 24 de Agosto de 1903.  
 Química.

Hydrogenio - Sua preparação  
 Propriedades physicas e chi-  
 micas do Hydrogenio.

O Hydrogenio é um corpo gazo-  
 so, simples, metalloide e significa  
 gerador da agua. Seu symbolo  
 é H.

Sua preparação.

Toma-se um frasco de vidro  
 cuja rolha seja atravessada por  
 2 tubos de vidro, um, que não  
 passe da rolha e o outro tubo  
 que mergulhe até o fundo do  
 frasco. Lança-se quantalhas de  
 zinco e agua, de maneira que  
 esta occupe as tres quartas  
 partes do frasco. Um dos tubos  
 que atravessar a rolha, deve  
 terminar por uma estuica de  
 funil de vidro e o outro tubo  
 deve-se mergulhar em um  
 vaso com agua, onde se deve  
 recolher o gaz. (Hydrogenio).

- Lança-se pelo tubo que ter-  
 mina em funil, acido sulfu-  
 rico, mas, lentamente. Manu-



fecha-se logo numa effervescen-  
cia, e aquecendo-se o frasco, vê-se  
a superfície da agua pequenas  
bolhas de gaz que se vão reunir  
na esprocta. Este gaz é o Hydro-  
genio proveniente da decomposi-  
ção da agua. Fica no frasco  
uma mistura de sulfato de  
zinco, proveniente da combina-  
ção do acido sulfurico e o zinco,  
unidos ao oxigenio da agua de-  
composta.

Em vez de zinco, podemos empregar  
o ferro; nesse caso ficaria no  
frasco o sulfato de ferro ou  
caparosa verde. É preciso despre-  
zar as primeiras porções de hy-  
drogenio porque vem mistura-  
das com o ar.

### Propriedades phisicas.

O Hydrogenio é inodoro, incolor,  
sem sabor e menos denso que o  
ar.

### Propriedades chemicas.

O Hydrogenio é um gaz combus-  
tivel, arde as camadas.

O Hydrogenio é improprio para  
nelle se realizarem combustões.  
Inflammando-se produz uma  
detonação, devido ao ar que  
tem misturado e combinando



se com o oxygenio produz vapores de agua que se pode ver nas paredes do vaso.

### Aplicações.

Serve para fazer a lampada philosophica, a harmonica chimica e por ser muito leve emprega-se para encher os aerostatos.

Ardeudo no oxygenio, produz elevada temperatura, na qual se fundem os metais mais refractarios; exemplo: a platina, etc.

=

Leonar Rosa.

5<sup>o</sup> anno.